

A CRIANÇA, O ADOLESCENTE E A FAMÍLIA*

Paulo Roberto Leite Ventura

*Desembargador do TJ/RJ e Diretor-Geral da
EMERJ.*

O tema deste primeiro Simpósio do Fórum Permanente da Criança e do Adolescente, titulado "A CRIANÇA, O ADOLESCENTE E A FAMÍLIA", nos leva a uma reflexão profunda sobre o conceito básico de educação e seu alcance, com reflexos lógicos na atuação preventiva e de orientação, que deve ser direcionada como um todo para a família que, também deve ser educada, e, em particular, para a criança e o adolescente.

Neste campo, os importantes e providenciais temas deste Simpósio nos concitam a meditar sobre a regra preventiva que nos projeta para uma eficaz atuação sobre causas de desgaste e desvios de comportamento, com finalidade de evitar, mais adiante, os efeitos que delas decorrerão fatalmente, sempre que não combatidas a tempo e a hora, com eficácia, coragem e recursos necessários.

Pois bem. Todos os dias, pelas variadas formas de imprensa, vivemos uma crescente inquietação social em face de crimes cometidos contra menores, jovens e adolescentes. Vivemos atônitos, outras vezes, sem saber qual a diretriz a ser tomada, caímos perplexos diante de notícias que veiculam práticas de atos análogos a crimes cometidas por menores. Lemos notícias de jovens que matam jovens. Crianças que trabalham a serviço do tráfico de drogas. Jovens que matam seus próprios pais. Jovens que se desagregam, tornando-se párias da sociedade e, quem sabe, muitos deles possuidores de um potencial de energia acumulada plenamente aproveitável em benefício deles próprios e da sociedade em que vivem.

*PALESTRA PROFERIDA PELO AUTOR, POR OCASIÃO DA ABERTURA DO PRIMEIRO SIMPÓSIO SOBRE "A CRIANÇA, O ADOLESCENTE E A FAMÍLIA", REALIZADO NA EMERJ EM 21/03/2005.

Diante deste quadro, as classes sociais se igualam por baixo face ao tamanho desajuste da própria família. Pobres famílias. Às vezes penso, nos meus momentos do mais absoluto descrédito para com as autoridades constituídas, que estou legitimamente autorizado a concluir, de forma definitiva, que são raras as famílias ainda não atingidas pela tragédia da droga ilícita, do álcool e do crime. A tragédia do desajuste total dos valores morais dos seus jovens. Surgem, então, o desespero, a vontade incontida de deixar tudo para o lado, o abandono da vigilância. Aparecem as crianças agressivas, estimuladas por brinquedos que fazem a apologia do crime e da guerra. A agressão se instala de forma definitiva na consciência delas, quando o momento exige ponderação, exemplo e reflexão. Sobrepõe-se a tudo a ação. Ação sem reflexão. A sede de ganhar da máquina. Crianças que, sem perceberem, alheias aos princípios básicos de educação e conduta preventiva por parte dos pais, são dominadas totalmente por ação do instinto. Acesso descontrolado aos variados canais da Internet. Surgem, então, em pouco tempo, crianças inquietas, rotuladas de TDHA, destinatárias da indústria farmacêutica ao consumo de RITALINA. Droga condenável sob o ponto de vista médico e social, porque não cura e não educa, apenas instala na criança uma terrível e incontornável dependência. Droga que despersonaliza e aniquila.

Crianças hiperativas, desobedientes, sem parâmetros e limites. Crianças vítimas de famílias abandonadas. Crianças não tratadas, não acudidas, não orientadas, não educadas.

De todo esse desencontro que nos incomoda, diante de tanta falta de assistência, brota a revolta acirrada pelo clamor público, logo aparecendo os teóricos improvisadores que, se intitulado o sal da terra, descortinam conclusões variadas para a solução da problemática, bradando por punições desmedidas, pela redução da idade da responsabilidade penal, pela pena de morte. Surge, então, a tragédia das opiniões, esquecendo-se eles de que ainda é possível tirar da dor algum aprendizado. Contudo, na dor não se deve e não se pode ensinar, pois diante da dor, da angústia e da revolta não há luz capaz de clarear idéias e não há, por conseguinte, caminho a ser encontrado para uma caminhada serena.

Então, sob o impacto do horror ou do desespero, vozes bradam absolutamente descompassadas de qualquer valor ético ou moral. Todas apontam o caminho do cárcere para estas crianças ou adolescentes, todos crescidos sem família e sem o mínimo amparo do Estado. Crianças, quantas delas, que, ao abandono, passam diuturnamente por ruas das variadas favelas e vêem cadáveres como parte do seu trajeto. Insensíveis aos mínimos parâmetros da harmonia social, integram o roubo no rol do seu entretenimento ou como meio de sobrevivência. Instala-se uma sociedade desigual, desumana, corrompida pelo consumismo imoderado e vil. Cheirar cola ou ingerir bebida alcoólica é ritual adequado e perfeito para provocar a sua alegria. A droga é o caminho mais curto para se ascender ao domínio político da comunidade em que se vive. As armas representam o ornamento do poder e da emoção para a conquista desse mesmo poder. Miséria e pobreza, fome e doença compõem o cotidiano de uma vida vazia. Criança e adolescente sem futuro. A promiscuidade corrompe o seu caráter, porque não nutre qualquer valor pela vida. Vida sem sentido, sem ideal, sem esperança. Para esta criança, o Estado só aparece no momento da repressão e o Juiz só lhe é apresentado para tirar-lhe a liberdade ou condená-la, na sua concepção ignorante, para viver segundo outros padrões, para os quais jamais foi preparada, porque desconhecia a si mesma.

A pena, solta dentro do Código, como forma de reprovação e prevenção ao crime, vem se mostrando de todo inócua, pois se pensarmos só na pena, em pouco tempo veremos as cadeias ainda mais superlotadas e, mesmo assim, continuaremos reclusos em nossas casas, perplexos e medrosos dentro dos nossos carros blindados.

Instalou-se em nós, definitivamente, o fenômeno do medo e do descrédito na lei. O homem se torna um espectro diante do mais absoluto caos social, perplexo com a sua insegurança, sem rumo e sem coragem.

Impõe-se solução. Necessário se torna que, urgentemente, se rompa toda esta multidão contemplativa e aflita para uma ação em favor daquele que quer viver, que quer justiça, que quer ser gente. São milhares de rostos que gritam para nós a mesma mensagem. Todos batem às portas da Justiça em busca de socorro, amparo e solução. Esses rostos não nos pedem contemplação, displicência ou

descaso. Pedem ação. É preciso que o Estado lhes mate a fome, lhes sare as feridas, lhes devolva o brilho da humanidade pela dignidade e pelo serviço. Quantos são os rostos que nos olham e nos interpelam, nos seguem e nos suplicam? Rostos de crianças e adolescentes subnutridos, de jovens desorientados, de mulheres desfiguradas, de excluídos.

E é num momento histórico como o presente que hão de surgir, neste dia, providenciais debates e meditações sobre temas tão relevantes, apontando rumos, traçando conceitos, tudo para minimizar os problemas que afetam a Criança, o Adolescente e a Família.

Creio, prezado Des. Liborni Siqueira, honrado e diligente Presidente deste Fórum Permanente, que o tema central dos debates há de se resumir na educação para todos.

E a educação? Como enfrentá-la? Como conceituá-la? Quem educará? Quando e como educará?

Sabemos nós que o ser humano não é naturalmente bom nem é naturalmente mau. Um ser humano difere de outro, por ser um feixe de emoções em conflito, de poderes em confronto. Porém há alicerces básicos em seu comportamento, comuns a qualquer latitude ou longitude do ser humano. Partindo-se, pois desta premissa, educa quem os fortalece, quem é capaz de dar proteínas, vigor e confiança ao lado humano do amor, muito mais forte do que o do ódio, tanto que permite a vida do homem sobre a face da terra. E só quem educa transforma, por mais que as pessoas se iludam com o resto.

Educa quem for capaz de fundir os ontens, o hoje e os amanhãs, transformando-os num presente onde o amor e o livre arbítrio sejam as bases. Educa quem for capaz de dotar os seres humanos dos elementos de interpretação, para poder compreender a razão dos vários "presentes", que lhes surgirão, repletos de "passados" em seus "futuros".

Um velho sonhador na área da educação já afirmou alhures que educar é perder, sem se perder. É ameaçar o estabelecido. É atacar princípios. É viver as perplexidades das mutações. É conviver honradamente com angústias e incertezas. Educar é ir dormir cravado de dúvidas, mas, no dia seguinte, acordar com sensibilidade bastante para distinguir, no ato de educar, o que muda do que é

apenas efêmero, o que é permanente do que é retardatário. É isso mesmo, dormir assim, cheio de dúvidas, mas acordar no dia seguinte renovado totalmente pelo trabalho interior, e desta forma, poder devolver ao aluno, ao filho, ao amigo, enfim a quem a educação se dirige, a segurança, a fé, a confiança no porvir, formas éticas de comportamento, seus deveres sociais consigo mesmo, com o próximo e com a sociedade, a parte que lhe cabe no esforço comum.

Educamos nós, hoje e aqui, com este Simpósio. Educa a velha professora de quem nos lembramos, num momento como este, em que sua lembrança não tinha razões aparentes para vir à tona, como o velho e querido tio, o pai, a mãe, que voltam do passado com aquele olhar, aquela observação, aquela ponderação sobre o verdadeiro sentido da vida, quem sabe por nós, à época, julgados absurdos ou despropositados. Educa, pois, aquele que só entendemos muitos anos depois e, quando o entendemos, o espírito se libera de antiga pressão, também chamado de remorso enrustido.

Educa quem nos exigiu forças de que julgávamos desprovidos. Esforços de que nos acreditávamos incapazes. Educa quem nos leva a confrontos íntimos e dos quais quase sempre fugimos e tantas desculpas menores encontramos para não nos defrontar. Educa quem integra, sempre e sempre, pedaços de uma realidade eternamente mais ampla do que nós. E só quem educa, em qualquer nível ou atividade, merece viver integralmente as paradoxais intensidades de que é feita a vida. E só quem ama é capaz de educar.

Que surjam os percalços, que brote o cansaço, que venham as contestações, que todos os esforços possam nos levar ao nada. Vamos sofrer juntos. Mas vamos educar.

A EMERJ estará sempre alerta para emprestar sua contribuição, visando ao aprimoramento jurídico dos operadores do Direito.

Certos de que todos aqui estamos transbordando de amor e de coragem, agregados compromissadamente a esta legião de desbravadores, vamos abrir os nossos corações para que a temática deste simpósio possa tocar no mais profundo da nossa sensibilidade humana, na esperança sincera de que possam brotar, da semente hoje lançada em terra fértil, os critérios indicativos para a solução dos sérios impasses. Estamos, aqui na EMERJ, no nosso posto de comba-

te. Se um cai, outro se levanta, pega a bandeira e marcha para frente, pois haverá sempre juízes e educadores enquanto houver Deus, uma bandeira e uma pátria. 📄